

O português indígena na produção intelectual de Célia Xakriabá

O português indígena em sua ampla variabilidade linguística, falado ou escrito, ainda não tem seu devido reconhecimento como língua, pois “a língua portuguesa não é comumente identificada como um símbolo tradicional de indianidade” (MAHER 2006: 33). O que poderíamos dizer sobre a escrita e o reconhecimento dessa língua em contextos acadêmicos? Para uma reflexão inicial acerca dessas questões tomaremos como ponto de partida a trajetória acadêmica de Célia Xakriabá. Trataremos alguns episódios que podem ser entendidos como característicos da inusitada presença indígena no ensino superior. Particularmente, abordaremos aqueles que marcaram o letramento acadêmico e a formação de Célia ao graduar-se pela licenciatura indígena Fiei/UFMG e ao tornar-se mestre pelo MESPT/UnB. Tais episódios denotam estranhamentos e uma receptividade negativa por parte da comunidade acadêmica ante aos recursos linguísticos utilizados por ela em sua produção intelectual. Dentre tais recursos aparece sua escrita acadêmica. Compreendida como informal ou inadequada aos padrões, códigos e normas acadêmicas, muitas vezes sua escrita foi avaliada levando-se em conta o desvio da estrutura textual utilizada. Tal estrutura recorria a frases longas, repetição de ideias (recurso da circularidade), discordâncias verbais e de gênero, uso de pronomes que transitam na primeira pessoa do singular e plural para se fazer inteligível. Entretanto, acreditamos que tal valoração é própria de um etnocentrismo acadêmico cuja tradição é apagar ou dar outra forma a elementos que partem da oralidade. Uma das contribuições intelectuais de Célia está justamente em trazer elementos da tradição oral xakriabá, como o português xakriabá falado cotidianamente e as *Loas* - uma forma de se falar e escrever a partir da construção de versos utilizados em contextos específicos- para a escrita acadêmica. Poderíamos, então, compreender o entendimento da escrita de Célia como não adequada à gramática acadêmica sintomático de um fenômeno de qual ordem? Ao nosso ver, tratar-se-ia de um campo marcado por forças antagônicas, quais sejam: a resistência xakriabá a um modo consolidado de se fazer ciência e a negação do meio acadêmico a outras epistemes. Tais forças seriam perceptíveis, por exemplo, nas tentativas de silenciamentos e apagamentos da expressão escrita xakriabá que não conseguem lograr êxito por conta da resiliência acionada via produção intelectual acadêmica. Deve-se considerar que se trata de um contexto recente, cuja ausência histórica de xakriabás no meio acadêmico aos poucos vem sendo transformada, um dos efeitos das políticas de ações afirmativas em desenvolvimento no ensino superior nas últimas décadas.